



Joana da Silva Peixoto

27 anos

Interna do 3º ano de Formação Específica de Medicina Geral e Familiar na Unidade de Saúde Familiar Mais Saúde (Ponte de Lima), Unidade Local de Saúde do Alto Minho

A doença COVID-19, provocada pelo vírus SARS-CoV-2, foi declarada pandemia pela Organização Mundial de Saúde no dia 11 de março de 2020. Desde o surgimento dos primeiros casos no nosso país, foi necessária uma adaptação dos serviços de saúde, com uma mudança drástica na forma de prestação de cuidados de saúde pelos seus profissionais. Estas mudanças aconteceram com todos, mas gostaria de falar um pouco da situação em que eu e os meus colegas nos encontramos. Para perceberem melhor, considero importante explicar que a formação médica consiste em 6 anos de formação pré-graduada (o curso de Medicina propriamente dito, na faculdade), um ano de formação geral e, no nosso caso, 4 anos de formação específica em Medicina Geral e Familiar (MGF), que é a fase em que nos encontramos e no final da qual seremos Médicos de Família. Com o surgimento desta pandemia, de forma a garantir a prestação dos melhores cuidados à nossa população, os internos de MGF foram “resgatados” dos seus estágios, de modo a reforçar os cuidados de saúde primários na assistência à população.

Para além da assistência direta a suspeitas de COVID-19, fazemos o seguimento telefónico dos casos suspeitos e confirmados desta doença (em estreito contacto com a Saúde Pública), atendemos pessoas com outras patologias agudas ou crónicas agudizadas e mantemos o seguimento habitual de crianças em idade vacinal, grávidas, e outros serviços mínimos. Para permitir o funcionamento das unidades de saúde, alguns colegas viram-se obrigados a trabalhar várias semanas seguidas sem qualquer pausa. Houve mesmo colegas que, num espírito de dever e altruísmo, “mergulharam” neste modo intenso de trabalho logo após o exame final de especialidade, prolongando a situação laboral precária em que se encontram e realizando trabalho de especialista, mas com remuneração de interno.

Este papel desempenhado pelos cuidados de saúde primários na assistência a casos menos graves e ao acompanhamento próximo dos “nossos” doentes é uma das principais características que nos distingue de outros países, podendo também justificar que o cenário global em Portugal não esteja a ser tão catastrófico como inicialmente se previa.

No entanto, nem tudo são vitórias. A sensação de derrota perante as primeiras mortes e assistir ao fecho de unidades devido a casos de infeção em colegas torna difícil não desanimar e deixar a ansiedade apoderar-se de nós.

A aprendizagem foi e continua constante através da leitura de novas normas, recomendações e fluxogramas de procedimentos, adaptando o nosso modo de trabalho de forma praticamente diária.

De facto, apesar de ainda há bem pouco tempo termos sido desvalorizados e até descredibilizados pela ministra da saúde, nós, médicos internos, mostrámos o nosso valor, mantendo-nos resilientes e à altura da missão-